

**II SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM
ARTES, CULTURA E LINGUAGENS**

Anais

INSTITUTO DE ARTES E DESIGN · UFJF

25 A 27 DE NOVEMBRO · 2015

VOL 2 / N° 2 / 2015

E-books e além: reflexões sobre livros, mercado, papel e literatura

Bernardo Bueno¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Resumo

Vivemos um momento de transformação tecnológica no sistema literário, de maneira semelhante ao que aconteceu recentemente com a indústria fonográfica e cinematográfica: a introdução de novas tecnologias e meios de distribuição e comercialização oportuniza uma discussão importante sobre a natureza do livro e a experiência literária como um todo. Neste artigo, discute-se o papel cultural do livro e suas transformações materiais, culminando no formato eletrônico. Em 2011, a Amazon, uma das maiores empresas de comércio de livros do mundo, anunciou que vendeu mais livros eletrônicos do que impressos. O objetivo não é anunciar o fim do livro, mas sua resignificação. Utilizam-se exemplos retirados das salas de aula da Faculdade de Letras da PUCRS, através de opiniões recolhidas entre os alunos de disciplinas das áreas de Estudos Literários e Escrita Criativa. Desta maneira, pretendemos chegar ao ponto onde entendemos que a mudança material influencia a cultura, o consumo da arte e o fazer criativo; ao mesmo tempo, o produto artístico continua existindo, apenas disponibilizado, entendido e absorvido de novas maneiras.

Palavras-chave: Literatura; e-book; Mercado literário; Tecnologia.

A natureza do ebook

Não há como negar que vivemos, nas Letras, um momento de transformação tecnológica: uma transformação que, de certo modo, já aconteceu na área da música e do vídeo. Trata-se da introdução em grande escala de uma plataforma eletrônica de distribuição. Deixando, por ora, a discussão sobre pirataria, *copyright* e *copyleft* de lado, observamos, há alguns anos, o compartilhamento de música e vídeo pela internet, facilitado cada vez mais pela popularização de tecnologias da informação. Da mesma maneira, houve a introdução de serviços de *streaming* por assinatura como o *Spotify*, de música, e o *Netflix*, de vídeo. De uma maneira muito similar, e um pouco posterior a essas outras áreas, constatamos a popularização de leitores digitais como o *Kindle*, da Amazon. A transformação dos meios de difusão das artes é relevante, portanto, para além da literatura.

A discussão sobre a tomada de mercado dos e-books em relação aos livros impressos nunca foi tão atual. Autores, editores, leitores, críticos e acadêmicos tem discutido o impacto das novas tecnologias de leitura no mercado literário. Após o surgimento e difusão de e-readers como o Kindle, o Kobo ou o Lev, ou mesmo aplicativos de leitura que podem ser instalados em qualquer dispositivo como computadores, *tablets* e *smartphones* levam à discussão sobre um modelo ideal de mercado para livros eletrônicos, e como eles impactam a venda e leitura de livros impressos.

Em 2011, a gigante Amazon anunciou que, pela primeira vez, vendera mais livros digitais do que impressos. Este ano, portanto, é significativo para os estudos do impacto de livros digitais no sistema literário,

1. Professor da Faculdade de Letras da PUCRS. PhD em *Creative and Critical Writing* (University of East Anglia, Reino Unido), Mestre em Letras – Teoria da Literatura com ênfase em Escrita Criativa (PUCRS). E-mail: bernardo.bueno@puccrs.br.

pois consolida, pela primeira vez, a suspeita de que o mercado de ebooks viera para ficar. Em 2014, segundo dados da Câmara Brasileira do Livro e do Sindicato Nacional de Editores (RODRIGUES, 2014), o faturamento de e-books cresceu 225%.

Há que se fazer uma ressalva sobre a natureza do que chamamos de e-book. Na qualidade de professor da Faculdade de Letras da PUCRS, tive a oportunidade de conversar com meus alunos e alunas em diversas ocasiões sobre esse tema. Como é de se esperar dos alunos e alunas de Letras, a maioria absoluta diz preferir livros impressos a livros eletrônicos (entenda-se por maioria absoluta todos os alunos em turmas de 30 ou 40, com a exceção de um ou dois por turma). Mas quando pergunto quantos deles possuem um leitor digital, apenas um ou dois por turma levantam a mão também. Uma das questões é clara aqui: pelo menos entre os alunos de Letras da PUCRS, o uso de leitores digitais não é difundido², o que certamente torna mais difícil a formação de uma opinião informada.

Quando seguimos a discussão, muitos alunos apontam o desconforto ao ler no computador como uma das causas de não simpatizarem com ebooks. Percebo, portanto, uma separação entre as opiniões sobre livros impressos e eletrônicos; uma separação causada pela falta de experiência concreta com ebooks. Afinal de contas, como definir um e-book? Seria qualquer livro em formato digital, como um arquivo PDF, por exemplo?

Vamos adotar aqui uma definição de trabalho: um e-book é difícil de definir devido à sua natureza plural. Por ser digital, presta-se a ser lido em diversas plataformas, e não existe uma plataforma principal. Ao contrário do livro impresso, que varia em formato físico, tipo de papel e qualidade de impressão, mas mantém-se fiel à sua ideia principal (papel encadernado com uma capa), o e-book é um arquivo digital que pode ser lido em um e-reader como o Kindle, ou no computador de mesa, *laptop*, *netbook*, *tablets* (como um *iPad*) ou *smartphones*. E mesmo entre essas plataformas pode haver certas diferenças: a leitura num *tablet* ou *smartphone*, por exemplo, pode acrescentar funções ao livro, como sons ou animações, enquanto na versão simples do Kindle apenas o texto está disponível.

O próprio *Kindle* possui diversos modelos, do mais simples (apenas texto preto e branco, sem tela de toque e sem teclado) até o mais complexo (tela sensível ao toque, funções multimídia, tela colorida). A natureza do e-book, portanto, torna difícil a tarefa de discutir sua experiência de leitura: cada leitor de e-books pode estar lendo em um aparelho diferente.

Em *Papel-máquina*, Jacques Derrida reflete sobre “o livro que virá”. Situado no limiar dessa transformação, publicado em 2001 na França, este livro traz importantes reflexões que se tornariam mais e mais relevantes durante o desenrolar do início do século XXI. Derrida menciona a ideia de que o livro seria, talvez, substituído pelo “livro do mundo”, um livro que contém todos os livros e que nunca termina – a internet (ou, quem sabe, o *Livro de Areia*, de Borges).

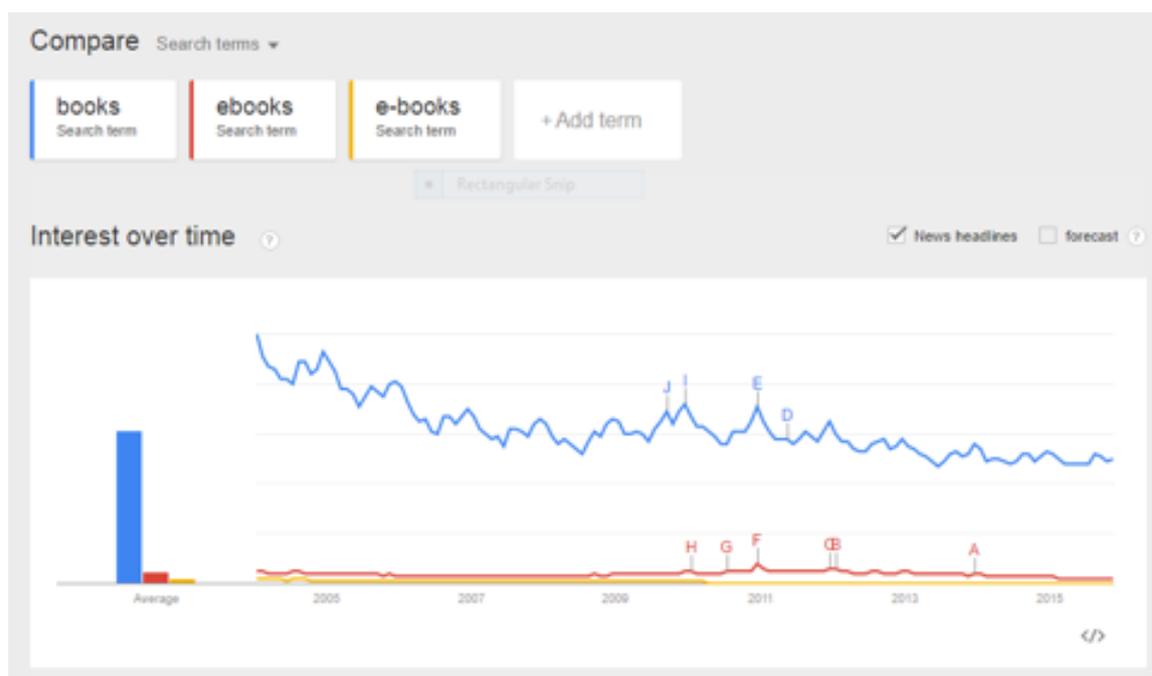
“[...] a própria forma do livro por vir, ainda como livro, é, por um lado, além do fechamento do livro, a interrupção, o deslocamento, a disjunção, a disseminação sem reunião possível, a dispersão irreversível desse codex total (não seu desaparecimento mas sua marginalização ou secundarização, de modos aos quais vamos ter de retornar); mas simultaneamente, do outro lado, um constante reinvestimento no projeto do livro, no livro do mundo ou livro-mundo; no livro absoluto (é por isso que eu também descrevi o fim do livro como interminável ou sem fim), no novo espaço da escrita e leitura na escrita eletrônica, viajando a toda velocidade de um ponto do globo a outro, e ligando, além das fronteiras e copyrights, não apenas cidadãos do mundo na rede universal da universitas potencial, mas também qualquer leitor como escritor, potencial ou virtual ou o que quer que seja. Isso revive um desejo, o mesmo desejo. Isso recria a tentação que é figurada pela World Wide Web no Livro onipresente finalmente reconstituído, o livro de Deus, o

2. Outra ressalva: a falta de dados concretos recolhidos entre os alunos. Pretendo remediar essa questão metodológica em um estudo futuro. Por ora, há de servir o meu registro como professor.

grande livro da Natureza, ou o Livro do Mundo finalmente realizado em seu sonho onto-teológico, mesmo que o que isso faz é repetir o fim daquele livro como por-vir.” (Derrida, 2005, p.15)³

Para Derrida, a internet serve como essa imagem de um livro absoluto. Um livro que contém todos os livros e, embora isso não seja verdade (ainda), não é difícil de imaginar um mundo onde isso seja possível. Não seria a internet uma tentativa do ser humano de não apenas estabelecer um contato sem fronteiras, mas também de armazenar e articular todo o conhecimento, linguagem e arte da humanidade? Por outro lado, podemos encarar o “livro que virá” como o o ebook: um novo formato, que vem para ressignificar o que consideramos um livro.

Figura 1: Google Trends



Na figura acima, temos uma pesquisa através do site Google Trends, que analisa o nível de interesse em determinadas palavras-chave na internet a partir de 2004 (quando o projeto iniciou). De acordo com essa análise, que compara “livros” com “ebooks” e “e-books,” podemos ver que o nível de interesse geral por livros de maneira geral, decaiu, enquanto buscas por “ebooks” ou “e-books” aumentou gradativamente mas manteve-se estável. Não acho que isso signifique o fim do livro, nem sua substituição por livros eletrônicos; apenas uma demonstração da nossa dificuldade atual de definir o que é um livro. Quantas histórias são contadas online hoje? Não estamos mais limitados a ler histórias em um livro impresso: a narrativa (para citar apenas um gênero literário) pode ser encontrada em blogs e redes sociais, por exemplo.

Mercado literário (e não literário)

Após essa breve discussão sobre a natureza do e-book, acredito que seja essencial olhar para processos semelhantes em outros mercados, como o da música e vídeo e, a partir daí, procurar entender como a literatura se coloca no contexto atual.

O caso Napster (KRAVETS, 2007) foi marcante para considerarmos o impacto da internet na indústria fonográfica. Como um dos primeiros serviços de compartilhamento de música online, o Napster foi alvo de um

3. Tradução minha, da edição inglesa.

processo legal que demorou sete anos para ser concluído, em 2007. Ao longo do processo (e também por causa dele) a indústria fonográfica teve de reavaliar seus modelos de negócio. O Napster eventualmente tornou-se um serviço pago, e abriu caminho para serviços semelhantes, como o Spotify.

O modelo do Spotify é simples: os usuários pagam uma mensalidade para acessar a biblioteca de músicas da empresa, que podem ser baixadas para seus computadores e dispositivos móveis também. Parte dos valores das mensalidades vai para os artistas, que assinam contratos com a empresa. Segundo o Spotify, o mercado de músicas compradas diretamente via downloads não foi capaz de compensar a queda das vendas em mídias físicas, como CDs e DVDs. Dessa maneira, um modelo de pagamento por serviço mensal é um jeito de estimular o público a pagar por música novamente (SPOTIFY, 2015).

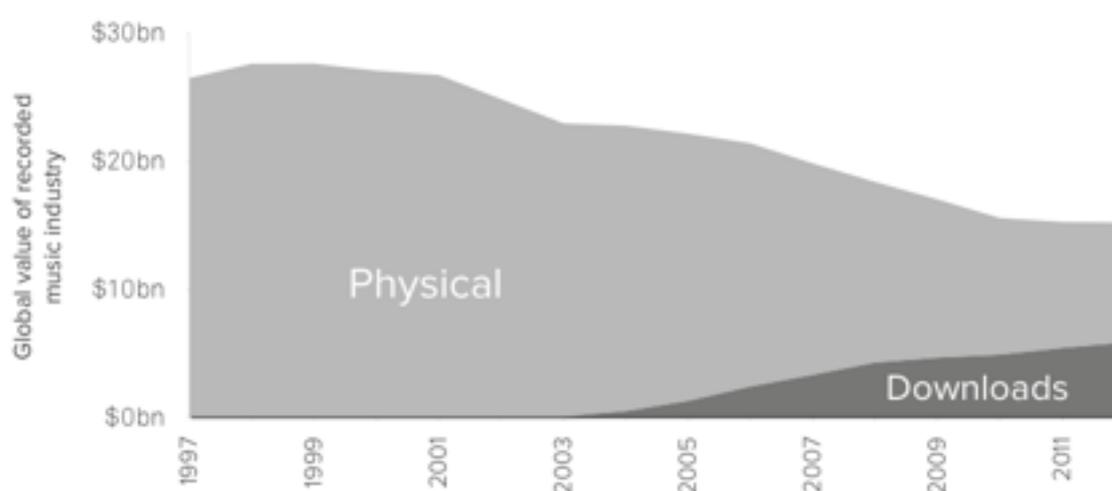


Figura 2: Valor global de músicas gravadas - mídia física vs. downloads (SPOTIFY, 2015)

De maneira semelhante, o Netflix oferece um serviço online de streaming de séries de televisão e filmes pra usuários que pagam uma mensalidade. Como nota o jornal *The Telegraph* (2015), com uma base de usuários que ultrapassa 65 milhões no mundo inteiro, o Netflix tem uma população maior que a da Grã-bretanha.

Gabe Newell, presidente da Valve, empresa de jogos eletrônicos que também comanda a loja virtual Steam, diz que pirataria não acontece estritamente por uma questão de preços, mas de serviços. Um serviço conveniente e eficiente é a única maneira de vencer a pirataria (CRESCENTE, 2011). A Steam vende jogos eletrônicos através de um software instalado nos computadores dos usuários. A Valve não divulga seus lucros, mas sabe-se que em 2011 a empresa divulgou um crescimento de 200%, e, antes disso, um crescimento de em torno de 100% nos seis anos anteriores (CHIANG, 2011).

Em 2007, cinco de cada dez romances entre os best-sellers no Japão originaram-se como romances para celular (SNOW, 2014).

Em um movimento mais recente, o site Wattpad serve como rede social e plataforma de publicação. Autores podem publicar capítulos de suas obras e receber comentários de leitores. Anna Todd é uma das autoras que utiliza a plataforma, e é uma de suas autoras mais populares. Até 2014, seus textos foram lidos mais de 800 milhões de vezes, e seus leitores deixaram mais de 3 milhões de comentários (WISEMAN, 2014). Anna Todd eventualmente publicou a trilogia *After*, também publicada em papel (mas não antes de alcançar a impressionante marca de 1 bilhão de visualizações (BRANDÃO, 2014).

Em janeiro de 2015, dados indicavam que 30% dos livros comercializados nos Estados Unidos não possuíam ISBN; 33% dos livros vendidos através da gigante Amazon.com eram livros autopublicados em formato

eletrônico, e 40% dos direitos autorais recebidos por autores vinham de livros autopublicados em formato eletrônico (AUTHOR EARNINGS, 2015).

Assim, finalmente chegamos ao caso do Kindle Unlimited, serviço lançado em 2014 no Brasil e que imita o modelo de negócios de outros serviços como Netflix ou Spotify, mencionados anteriormente: ao pagar uma taxa mensal, o usuário pode acessar a biblioteca da empresa e ler os livros à vontade sem a necessidade de comprá-los, como em uma espécie de biblioteca virtual (AMAZON, 2015). Aqui fica a pergunta: seria esse o modelo ideal de negócios para o mercado editorial, no Brasil e no resto do mundo? Se o histórico da indústria fonográfica e cinematográfica servem de modelo, é provável que a produção e distribuição de livros eletrônicos aumente no futuro, seja através de vendas diretas, seja através de serviços de assinatura.

Além

Já na década de 60, muito antes do surgimento da internet ou dos e-books, Peter Drucker e Marshal McLuhan já previam os desenvolvimentos futuros nessas áreas. De acordo com Drucker (2000, p. 263), 'Um dólar a cada dois ganhos e gastos na economia americana circularão através da produção e distribuição de ideias e informação, e da busca de ideias e informação.'⁴

Drucker chama atenção para a economia do conhecimento. De fato, se olharmos em retrospecto para os temas e fatos discutidos ao longo deste ensaio, veremos que estamos discutindo essencialmente as diferentes maneiras como a informação é difundida e consumida – um tipo especificamente de informação: a informação literária. A pergunta que proponho é: seguindo o pensamento platônico, será que a essência do livro muda quando muda sua forma material? Ou será que a ideia continua sendo a mesma: uma coleção de palavras, linguagem estruturada de uma maneira específica para transportar informação, arte, histórias?

De acordo com McLuhan,

O próximo meio, seja qual for – pode ser uma extensão da consciência – incluirá a televisão como conteúdo, e não como meio, e irá transformar a televisão em uma forma de arte. Um computador como instrumento de pesquisa e comunicação pode estimular a busca, e tornar a organização massificada de bibliotecas obsoleta, recuperar a função enciclopédica do indivíduo e transformá-la em uma linha privada de informação cuidadosamente adaptada, de um tipo vendável. (MCLUHAN, 1962)⁵

McLuhan descreve com uma exatidão assustadora o funcionamento da internet, principalmente a partir da virada do século XXI, depois do surgimento do YouTube. Ele estava longe de pensar a revolução do e-book. Mas, por outro lado, a revolução do e-book talvez não nos tenha atingido de forma tão rápida e direta e avassaladora quanto a revolução do compartilhamento de arquivos de música e vídeo. Há que se pensar por que: talvez a falta de uma plataforma específica – os e-readers – tornassem difícil a difusão do compartilhamento de livros. Como meus próprios alunos notaram anteriormente, ler livros em um laptop ou computador comum é muito desagradável.

O processo material do livro – desde as narrativas desenhadas em paredes de cavernas, passando por tábuas esculpidas e volumes de papiros ou pergaminhos, até chegar no livro encadernado e finalmente no formato digital, é parte de um caminho contínuo. O fato de vivermos justamente em um ponto de mudança é o que nos traz tantas dúvidas e dificuldades: dificuldades de definir o que é um livro digital, e o que é realmente um livro. De maneira semelhante, as histórias em quadrinhos eram chamadas de comics nos Estados Unidos porque estavam ligadas a tirinhas de cunho humorístico. Hoje, entretanto, o termo comics pode denotar desde as histórias mais engraçadas até as mais sérias: o termo foi adaptado a um novo contexto, um contexto que

4. Tradução nossa.

5. Tradução nossa.

se desdobra com o tempo. Assim, a discussão principal não deve deter-se sobre a disputa de mercado entre livros impressos e livros eletrônicos, mas usar esse fenômeno como ponto de partida de uma discussão mais importante e muito maior: uma discussão sobre a natureza da literatura, seu impacto na sociedade, e a natureza do livro.

Referências

AMAZON. Kindle Unlimited. Disponível em <https://www.amazon.com.br/gp/kindle/ku/sign-up/ref=amb_link_427366102_2> Acesso em 25 de novembro de 2015.

AUTHORS EARNINGS. January 2015 Author Earnings Report. Disponível em: <<http://authorearnings.com/report/january-2015-author-earnings-report/>> Acesso em 21 de novembro de 2015.

BLOOMBERG BUSINESS. Amazon.com Says Kindle E-Book Sales Surpass Printed Books. Disponível em <<http://www.bloomberg.com/news/articles/2011-05-19/amazon-com-says-kindle-electronic-book-sales-surpass-printed-format>> Acesso em 08 de outubro de 2015.

BORGES, Jorge Luis. O livro de areia. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

BRANDÃO, Liv. Autores revelados pelo Wattpad, rede social literária, atraem a atenção de editoras brasileiras. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/autores-revelados-pelo-wattpad-rede-social-literaria-atraem-atencao-de-editoras-brasileiras-14711030>> Acesso em 10 de novembro de 2015.

CHIANG, Oliver. Valve and Steam worth billions. Disponível em <<http://www.forbes.com/sites/oliver-chiang/2011/02/15/valve-and-steam-worth-billions/>> Acesso em 18 de novembro de 2015.

CRESCENTE, Brian. Why Portal's publishers don't fear piracy, competition. Disponível em <<http://kotaku.com/5835328/why-portals-publishers-dont-fear-piracy-competition>> Acesso em 17 de novembro de 2015.

DERRIDA, Jacques. Paper-machine. Stanford: Stanford university press. 2005.

DRUKER, Peter. The age of discontinuity. Transaction Publishing. 2000.

Google Trends: e-books, books, ebooks. Disponível em <<https://www.google.com.br/trends/explore#q=books%2C%20ebooks%2C%20e-books&cmpt=q&tz=Etc%2FGMT%2B2>> Acesso em 15 de novembro de 2015.

KRAVETS, David. Napster Trial Ends Seven Years Later, Defining Online Sharing Along the Way. Disponível em <<http://www.wired.com/2007/08/napster-trial-e/>>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

MCLUHAN, Marshal. The Gutenberg galaxy: the making of the typographical man. Canada: University of Toronto Press. 1962.

NETFLIX. Disponível em <www.netflix.com.br> Acesso em 08 de outubro de 2015.

RODRIGUES, Maria Fernanda. **Faturamento com venda de e-book cresce 225% no Brasil, mas mercado editorial continua em crise.** Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/faturamento-com-venda-de-e-book-cresce-225-no-brasil-mas-mercado-editorial-continua-em-crise/>> Acesso em 23 de novembro de 2015.

SNOW, Danny O. **Would you read a cell phone novel?** Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/indiereader/cell-phone-novels_b_5332043.html> Acesso em 20 de novembro de 2015.

SPOTIFY. Disponível em <www.spotify.com> Acesso em 08 de outubro de 2015.

SPOTIFY. How is Spotify contributing to the music business? Disponível em: <<http://www.spotifyartists.com/spotify-explained/>> Acesso em 20 de novembro de 2015.

TELEGRAPH. **Netflix now has a bigger population than UK.** Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/finance/newsbysector/mediatechnologyandtelecoms/digital-media/11742924/Netflix-now-has-a-bigger-population-than-the-UK.html>>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

THOMPSON, Clive. **Tomorrow's Best-Selling Novels Will Use This 19th-Century Trick.** Disponível em: <<http://www.wired.com/2014/08/cliff-hangers/>> Acesso em 20 de novembro de 2015.

TODD, Anna. **After.** Paralela: 2014.